

## 5

### Conclusão

Forte, equívoca, ameaçadora, a comoção sublime expõe o conflito operante entre duas faculdades humanas. Exibe a tensão existente entre uma faculdade que, livremente, concebe e articula idéias — a *razão* — e outra, que busca apreender e sintetizar aquilo que lhe é dado — a *imaginação*. Como já nos falou Kant,

[...] aquilo que, sem raciocínio, produz em nós e simplesmente na apreensão o sentimento de sublime, na verdade pode, quanto à forma, aparecer como contrário a fins para nossa faculdade de juízo, inconveniente à nossa faculdade de apresentação e, por assim dizer, violento para a faculdade da imaginação, mas apesar disso e só por isso é julgado ser *tanto mais sublime* [grifo meu].<sup>1</sup>

Em que medida o objeto de arte no contemporâneo alcança esta afirmação?

Vimos que a compreensão contemporânea da arte, a partir de uma estética do sublime, inclui atributos que, aparentemente, poderiam responder de forma positiva esta questão. Algumas palavras (que se ligam a estes atributos) são chaves para esta leitura: indeterminação, inapresentabilidade, estranheza, desconforto, risco, ameaça, acontecimento.

Em parte, os termos desta conclusão já se apresentam ao final do terceiro capítulo desta dissertação. Por isso, a título de conclusão pretendo, apenas, retomar alguns poucos parágrafos por meio de um novo alinhavo.

A estética do sublime abre-nos uma outra via de relação com a materialidade. Conforme indicado, um modo de relação assente na ruptura e no desprazer, o qual, por essa razão, nos autoriza uma outra forma de inserção nos domínios do sensível e do inteligível (aqui, tão mutuamente implicados). Ao franquear-nos um novo acesso à materialidade, revela-nos, com isso, um outro inteligível.

Como vimos,

---

<sup>1</sup> *CFJ*, B 76.

[...] a sublimidade não está contida em nenhuma coisa da natureza, mas só em nosso ânimo, na medida em que podemos ser conscientes de ser superiores à natureza em nós e através disso também à natureza fora de nós. Tudo o que suscita este sentimento em nós, a que pertence o poder da natureza que desafia nossas forças, chama-se então sublime; e somente sob a pressuposição dessa idéia em nós e em referência a ela, somos capazes de chegar à idéia de sublimidade daquele ente, que provoca respeito interno em nós não simplesmente através de seu poder, que ele demonstra na natureza, mas ainda mais através da faculdade, que se situa em nós, de ajuizar sem medo esse poder e pensar nossa destinação como sublime para além dele.<sup>2</sup>

Na experiência do sublime é *como se* algo conduzisse o sujeito que ajuíza a uma reflexão acerca da sua própria dimensão-limite, em relação a outras manifestações, muito maiores ou mais potentes que este sujeito. Ficam aí revelados, postos à prova, os limites e as possibilidades deste homem — de um ponto de vista físico mas, também, no âmbito moral, em sua capacidade de superação face a objetos que o confrontam e o levam a confrontar-se consigo próprio. Sendo assim, aparentemente, sublime é a capacidade deste homem que, apesar da sua finitude, tem a possibilidade de lidar com esse “além” (do sensível), e mesmo, transcendê-lo; um homem comovido e revelado nos limites da sua humanidade.

Quando artistas como Barnett Newman produzem pinturas de larga escala — “esmagadoras” — com o intuito de provocar sentimentos de “[...] inquietação oceânica e ansiosa exaltação [...]”<sup>3</sup>, o que está em causa aqui? As condições transcendentais do sujeito, a potência da obra ou a relação entre ambos? Em que apostar ou dirigir a nossa atenção? Na potenciação desse homem e na sua comovida humanidade, na obra artística como ensejo de novos modos de sentir ou, mais uma vez, na relação entre eles? Como pensar o estatuto desses personagens hoje?

A comoção sublime, em seu prazer negativo, produz-se na relação alternada de atração e repulsa do ânimo face ao objeto que a ele se apresenta. Sob esta perspectiva, é razoável pensar a arte de nossos dias como potencial produtora de um inventário de formas que favoreçam, senão a repulsa ou aversão, um estado de

---

<sup>2</sup> CFJ, B 109.

<sup>3</sup> ROSENFELD, Denis L. (Org.). *Ética e Estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 195.

ânimo intranquilo, assustado, temeroso, instável. Diante de uma obra de arte contemporânea, perante o inapresentável, é aceitável pensar que o ânimo sofra e que se desoriente. Um meio caminho para a comoção. Que um tal estado de espírito se experiencie na arte, acredito ser possível, que ele se traduza numa experiência positiva de limites, ou seja, que o sujeito se permita conduzir, por meio do desconforto e da estranheza, a uma situação limite face ao inapresentável, e que não se encerre nesta estranheza mas a ultrapasse, esta é uma expectativa. Permanece, aqui, o pensamento de que a arte propicia, ou pode propiciar, um acontecimento fundamental e transformador.